

O GANSO DE OURO

IRMÃOS GRIMM

Versão portuguesa de Ricardo Alberty

Um homem tinha três filhos. O mais novo estava sempre a ser vítima das troças dos irmãos, que lhe chamavam Parvo. E, assim, ficou com essa alcunha. Certa manhã, o mais velho resolveu ir cortar lenha ao bosque. A mãe preparou-lhe uma fatia de pão com manteiga e deu-lhe uma cabaça de vinho para matar a sede. À entrada do bosque, o rapaz encontrou um velhinho de cabelos brancos que lhe deu os bons-dias.

– Ofereces-me um bocado da tua fatia de pão e deixas-me beber um gole do teu vinho?

– Perguntou-lhe o homem. – Estou cheio de fome e de sede.

Mas o rapaz não tinha bom coração e respondeu:

– Se te dou do meu pão e do meu vinho, já não chega para mim. Vai à tua vida!

Deixou ali ficar o velho e entrou no bosque. Meteu-se ao trabalho, mas não tardou que fosse castigado pelo seu egoísmo. Ao cortar um tronco, pôs um pé em falso, o machado escorregou-lhe da mão e fez-lhe um golpe no braço. Tinha sido uma praga rogada pelo velhote que encontrara no caminho. O rapaz teve de voltar à pressa a casa e tratar do ferimento.

No dia seguinte, o segundo filho foi também ao bosque. A mãe arranjou-lhe, como para o mais velho, uma fatia de pão com manteiga e uma cabaça de vinho.

Encontrou também o velhinho de cabelos brancos, que lhe pediu igualmente um bocado do seu pão e um gole do seu vinho. Mas, tal como o irmão, o rapaz não era caridoso.

– Se te der, fico com menos para mim – respondeu ele. – Não me maces!

Deixou lá ficar o velho e entrou no bosque. O castigo não se fez esperar. Logo às primeiras machadadas que deu numa árvore, o machado escapou-se-lhe das mãos e feriu-lhe uma perna. E custou-lhe muito andar até à casa dos pais.

– Deixe-me ir também cortar lenha ao bosque – pediu o Parvo ao pai, no dia seguinte.

– Bem viste que os teus irmãos não foram capazes – respondeu o homem. – Como queres ser tu a conseguir? Não, não, não tens jeito para isso.

Mas o parvo insistiu tanto que, já farto de o ouvir, o pai deu licença.

– Está bem, vai! – Disse ele. – Afinal, fazendo as coisas é que se aprende.

A mãe deu-lhe uma fatia de pão seco e uma cabaça de cerveja ordinária.

Quando chegou à orla do bosque, o Parvo encontrou o velho de cabelos brancos, que lhe deu os bons-dias.

– Ofereces-me um bocado do teu pão e deixas-me beber um gole do que tens na cabaça?

– Perguntou o homenzinho. – Estou cheio de fome e de sede.

– Só tenho pão seco e cerveja amarga – respondeu o Parvo. – Mas se te serve, ofereço-te de boa vontade. Vamos sentar-nos no chão e comer os dois.

Sentaram-se e comeram. Então o Parvo verificou que o pão estava cheio de manteiga e que a cerveja ordinária se transformara num ótimo vinho. Comeram e beberam regaladamente, e depois o velho disse ao Parvo:

– Como tens bom coração e divides de boa vontade o que te pertence com os outros, vou dar-te uma recompensa. Vês este carvalho velho? Tens de o cortar, porque há uma coisa para ti escondida debaixo das suas raízes.

Mal disse estas palavras, o velho desapareceu. O Parvo seguiu o conselho do velho e cortou a árvore. Agachado no meio das raízes encontrou um ganso com as penas todas de ouro. Agarrou nele, meteu-o debaixo do braço e partiu à aventura. Ao entardecer chegou a uma estalagem e resolveu passar ali a noite.

O estalajadeiro tinha três filhas, que ficaram muito admiradas por verem uma ave tão extraordinária. E todas queriam possuir uma pena daquele ganso.

– Hei-de arranjar maneira de lhe arrancar ao menos uma – disse para consigo a mais velha.

Aproveitando a ocasião em que o Parvo se foi deitar, sem levar consigo o ganso, agarrou o animal pelas asas para lhe arrancar uma pena de ouro. Mas as suas mãos ficaram pregadas às penas da ave e não conseguiu tirá-las.

Apareceu então a mais nova e também quis arrancar uma pena. Aproximou-se do ganso mas, sem querer, roçou no braço da irmã. Mal lhe tocou, nunca mais se pôde soltar. A terceira filha entrou também na sala, com a mesma intenção. As irmãs começaram a gritar:

– Afasta-te de nós, pelo amor de Deus, afasta-te!

Mas a rapariga não compreendeu porque razão não podia aproximar-se das irmãs.

«O que elas querem é arrancar todas as penas a este ganso – pensou para consigo. – Porque não hei-de eu fazer o mesmo?»

E agarrou o braço da mais nova. Mal lhe tocou, nunca mais se pôde soltar. As três irmãs tiveram que passar a noite toda junto do ganso, sem se poderem separar umas das outras.

No dia seguinte, de manhã, o Parvo foi buscar o ganso, meteu-o debaixo do braço e foi-se embora, sem se importar com as três raparigas que foram atrás dele. As pobres pequenas eram obrigadas a segui-lo a toda a velocidade para onde quer que lhe apetecesse ir. Andaram assim durante algum tempo através dos campos até que encontraram o cura da aldeia.

– Onde é que vocês vão, suas malucas? – Perguntou ele quando viu passar o estranho cortejo. – Não têm vergonha de correr dessa maneira atrás de um rapaz? Isso não lhes fica bem, com franqueza!

E o cura tentou puxar a mais nova pela mão. Mas, mal lhe tocou, nunca mais se pôde soltar e não teve mais remédio senão segui-la! Mais adiante, encontraram o sacristão que ficou muito espantado ao ver o cura tomar parte naquela cegada.

– Senhor cura! – Gritou ele. – Onde vai com tanta pressa? Não se afaste muito, porque temos hoje um baptizado!

E tentou segurar o cura pela manga da batina, mas, mal lhe tocou, nunca mais se pôde soltar e foi obrigado a segui-lo.

Dois lavradores voltavam do campo, com os sachos às costas, e ficaram muito admirados ao ver aquele cortejo. Quando o cura passou por eles, gritou-lhes para o irem libertar, mais ao sacristão. Mas, mal os dois camponeses tocaram no sacristão, nunca mais se puderam soltar e foram obrigados também a seguir o cortejo. Eram agora sete pessoas a correr atrás do Parvo e do ganso.

Sempre a correr, chegaram à capital do reino. O rei tinha uma filha tão sisuda que até então ninguém conseguira fazê-la rir, o que afligia muito o pai. Por isso, naquele mesmo dia, mandara apregoar que daria a filha em casamento a quem conseguisse fazê-la rir.

Ao ouvir esta notícia, o Parvo pediu para ir à presença da princesa, com o ganso debaixo do braço e as outras pessoas todas agarradas ao ganso.

Assim que viu entrar o cómico desfile das sete pessoas presas umas às outras atrás do Parvo e do seu ganso, a princesa teve um ataque de riso que nunca mais acabava.

Então, o Parvo foi ter com o rei e pediu-lhe a mão da filha. Mas o rei não queria um genro daqueles. Pôs toda a espécie de dificuldades e, por fim, mandou o Parvo fazer uma coisa que parecia impossível: ordenou-lhe que encontrasse um homem capaz de beber sozinho um tonel de cerveja.

O Parvo lembrou-se do velho que lhe tinha dado o ganso. Dirigiu-se ao bosque e foi ao sítio onde tinha cortado o carvalho. Sentado no tronco estava um homem com um ar muito aborrecido.

O Parvo perguntou-lhe porque estava tão triste.

– Morro de sede – respondeu o homem – e nunca consigo saciá-la. Parece que tenho uma pedra a arder dentro do estômago, por isso não posso beber água fria, porque me faz mal. E apesar de já ter bebido hoje um tonel de cerveja, para a sede que tenho foi como se molhasse apenas as goelas.

– Eu posso ajudar-te – disse o Parvo. – Vem comigo, e eu arranjo forma de te matar a sede.

O homem seguiu-o até à adega do rei e bebeu até se fartar. Despejou uns poucos de tonéis atrás uns dos outros, até ficar com os braços dormentes. E quando chegou à noite tinha deixado a adega vazia.

O Parvo exigiu novamente ao rei que cumprisse a sua promessa. Mas ele, que não queria de forma nenhuma dar a filha a tão grande pateta, arranjou um pretexto para se livrar uma vez mais, obrigando-o a uma segunda prova. Tinha que encontrar um homem que fosse capaz de comer sozinho uma montanha de pão.

O Parvo não esperou por mais nada. Dirigiu-se logo ao bosque, ao sítio onde deitara abaixo o carvalho. No tronco estava sentado um homem, que apertava o cinto com quanta força tinha.

– Foi inútil comer toda a fornada do padeiro – disse ele ao Parvo. – Pouco me adiantou.

O que são algumas migalhas para uma fome do tamanho da minha? Fico logo com o estômago vazio outra vez e tenho que apertar todos os furos do meu cinto para não morrer de fraqueza.

– Levanta-te daí e segue-me – disse o Parvo todo contente. – Vais poder comer à farta.

Levou o homem até ao pátio do palácio. O rei tinha mandado buscar toda a farinha do reino e mandara fazer um pão do tamanho de um monte.

O homem começou a comer e, naquela mesma noite, a montanha de pão desapareceu.

Pela terceira vez, o Parvo reclamou a mão da princesa. Mas o rei, que queria evitar a todo o custo aquele casamento, exigiu uma terceira prova. Tinha que lhe trazer um barco que navegasse tão bem em terra como no mar.

– Se conseguires chegar aqui ao palácio com todas as velas desfraldadas – disse ele ao Parvo – então, desta vez, dou-te a minha filha em casamento.

O parvo foi direito ao bosque, ao sítio onde cortara o carvalho, e encontrou o velhinho de cabelos brancos com quem dividira o pão e a cerveja.

– Graças à tua bondade, comi e bebi – disse o homenzinho. – Quero recompensar-te por isso. Vou dar-te o barco de que precisas, porque foste caridoso para comigo.

Então o velho deu-lhe um barco que navegava tanto na terra como no mar, e o Parvo chegou ao palácio com todas as velas desfraldadas. O rei teve que cumprir a palavra e deu-lhe a filha em casamento.

Celebrou-se a boda e, quando o rei morreu, o Parvo sucedeu-lhe no trono. Os dois esposos viveram muitos anos, felizes e contentes.